Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2981unse

NO XXIX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1953—N. 8

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

## SUMÁRIO

85 Anos . . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Nossa morada no Céu . . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
«Fronteiras do Outro Mundo» . . *Dr. Américo Luz*
Casamento Espírita ? . . . . . *Leopoldo Machado*
Livros em desfile . . . . . *Delfino Ferreira*
A Certeza do Espiritismo . . . . *E. Oaten*
Inimigos da Doutrina . . . . . *Mac Maynard*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
D. Gracinda Batista . . . . . *Redação*
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

# Lar Infantil "Cairbar Schutel"

Prezado Confrade

Paz em Jesus

A Mocidade Espírita «CAIRBAR SCHUTEL», dando andamento ao seu amplo programa no campo da assistência social, depois da construção da «VILA CAIRBAR SCHUTEL», está empenhada agora na construção do Lar Infantil «CAIRBAR SCHUTEL» para a criança desamparada. Além disso, é seu desejo gravar em alto relevo o nome desse Apóstolo do Espiritismo que foi Cairbar Schutel, na chamada «Méca do Espiritismo», que é Matão, para que o seu nome seja sempre respeitado e amado e a Doutrina Espírita mostre o seu valor, através das obras dos seus seguidores, na reforma individual em que a solidariedade e a fraternidade cristã devem constituir o primeiro passo para a conquista do reino de Deus.

Nêsse sentido, a Comissão pró-construção do Lar Infantil «CAIRBAR SCHUTEL» solicita do prezado confrade um donativo, que pode ser em dinheiro ou materiais para construção, para que esta obra seja levantada e inaugurada muito em breve, na terra em que Cairbar assentou a sua tenda de trabalho espiritual, difundindo o Espiritismo até além das fronteiras do país.

Certos do seu valioso concurso, com votos de paz e felicidade, subscrevemo-nos

Fraternalmente,

Pela Comissão pró-construção

ZÊLIA SILVEIRA PERCHE
Presidente.

Matão — Setembro de 1953.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1953 — NUM. 8

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

# 85 Anos

NASCIDO a 22 de Setembro de 1868 no Rio de Janeiro, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, se estivesse ainda entre nós com o seu corpo material, completaria 85 anos de existência terrena. E certamente receberia, como sempre, as felicitações dos seus companheiros de trabalho e dos seus confrades e inúmeros amigos.

E' verdade que êle não se encontra mais entre os incarnados há quinze anos, mas a estima e o aféto que por êle nutrimos e que dia a dia mais aumentam em nossos corações, nos dão a impressão de que êsse aumento se justifica pelo progresso acelerado do Espiritismo em todos os meios sociais e intelectuais, essa grandiosa Doutrina que, em parte, lhe deve larga folha de serviços prestados no nosso vasto país

Nêsse dia a sua imagem, mais viva do que nunca, envolverá os nossos pensamentos e, então, como de costume em tal ocasião, lhe endereçamos num culto de veneração e estima, votos de felicidade e progresso no mundo espiritual, que foi sempre o motivo de suas principais preocupações.

CAIRBAR SCHUTEL

Quando observamos o notável progresso que o Espiritismo vem tendo em todas as camadas sociais e intelectuais, nos lembramos logo

dos pioneiros do Espiritismo no Brasil, entre os quais aparece Cairbar Schutel pelo seu grande trabalho e perseverança, exemplos e virtudes.

Se não fôsse o trabalho desses pioneiros, que derrubaram o mato da ignorância e prepararam o terreno, certamente não encontrariamos as facilidades que estamos encontrando para pregar o Espiritismo. E' verdade que uma ou outra voz se levanta contra a Doutrina, mas são vozes sem éco, que se perdem no deserto do indiferentismo.

Não poderiamos abrir êste número sem registrar antes o aniversário de nascimento do nosso ex-diretor Cairbar Schutel, que apesar de achar-se do lado de lá, continua a ser o nosso orientador, o nosso diretor espiritual, sob cuja assistência estamos dando, na medida do possível, conta da tarefa que nos foi confiada.

Por mais êste motivo, que é o aniversário do seu natalício, rendemos a Cairbar as nossas sinceras homenagens num culto de veneração e amor, solicitando-lhe ajuda espiritual nos momentos difíceis.

E, como sempre, a nossa boa vontade ao seu labor.

# O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XII

Nas sessões de 26 de Fevereiro e 5 de Março de 1953 apresentou-se à vidência da médium Dolores Bacelar o poeta Anibal Teófilo que, como se sabe, foi assassinado em plena juventude, no Rio de Janeiro. Algum tempo antes êle se apresentara à médium com a ferida sangrando, no peito, e nada escreveu. Agora estava sorridente e feliz: havia perdoado ao assassino e reconquistara paz e alegria. Abriu a camisa ao peito e mostrou à médium que nenhuma cicatriz, nenhum sinál mais existe da bala que lhe abateu o corpo. Havia nesta manifestação um grande ensinamento: reconciliados os dois antigos inimigos, o amor curou as chagas do passado e ambos podem retomar a via evolutiva.

Depois de demonstrar que o passado de ódio já não existe, o poeta escreveu dois sonetos, na sessão de 26 de Fevereiro, mas não se mostrou satisfeito com o resultado obtido. Na sessão de 5 de Março reapareceu e refez os sonetos, dando-lhes a forma que aquí vai, mas não sabemos se é a definitiva, ou se êle ainda voltará a refazer. Para o nosso estudo convém registrarmos o trabalho como está:

## O Cisne e o Pântano

*Em um pântano horrendo, pútrido atascal,*
*Lindo cisne vogava na água nauseabunda...*
*Lá onde, à noite, só o fogo fátuo espec-*
*[tral,*
*De luz fantasmagórica o pântano inunda.*

*Vogava... Enquanto no atro, tredo cha-*
*[vascal,*
*Os répteis chafurdavam na lama profunda,*
*Do cisne as brancas plumas, de um bran-*
*[co lirial,*
*Pareciam mais límpidas sôbre a água*
*[imunda!*

*Assim, o Homem, também, nesta Terra,*
*[algum dia,*
*Quando pelas virtudes fôr acrisolado,*
*Após vencer a Carne em todos os litígios,*

*Vogará sôbre pântano de água sombria,*
*Sôbre a fétida, ascosa lama do pecado,*
*Mas, não lhe deixará a podridão vestígios.*

Anibal Theophilo.

## Código Divino

*Tenho-a gravada n'alma, a última viagem*
*Que fiz sem um adeus, sem despedida...*
*Mal desfraldara as velas, a voragem*
*Afundou-me o batel frágil da vida...*

*Náufrago, enfraquecido, sem coragem,*
*(Como sofria a pobre alma ferida!...)*
*Fui ter a ignota, estranha paisagem,*
*Onde achei fraternal, doce acolhida.*

*Já da Carne, de suas ânsias e sonhos*
*Desperto, vim, por vórtices medonhos,*
*Compreender os desígnios do Destino...*

*Justos são sempre os golpes recebidos,*
*Porque, na Terra, tem trágicos Idos*
*Quem só faltou ao Código Divino.*

Anibal Theophilo.

«Trágicos Idos» parece alusão ao assassinato de César nos Idos de Março, porque na História Romana «Idos» se tornou símbolo de desastre, morte violenta. *Idos* é o dia 15 de março, maio, junho e outubro, e o dia 13 dos outros mêses, no antigo calendário romano.

A médium achou que êsse verso não tinha sentido, porque só conhecia «*ido*», como particípio passado do verbo *ir*.

Na mesma sessão de 5 de Março compareceram mais dois poetas: Alberto de Oliveira escreveu de novo alguns versos para três sonetos recebidos em 11 de Setembro de 1952 e que se achavam já esquecidos há mêses num caderno; Moacyr de Almeida escreveu os seguintes sonetos:

## A Dor

*Meu pobre irmão que chora! Espera,*
*[tem confiança.*
*Não maldigas a dor que a tua vida es-*
*[tiola.*
*Se a sorte não te quis dar uma só esmola,*
*Não apagues, em tua alma, a luz da Es-*
*[perança.*

*A dor, nêste planeta, ainda é a melhor*
*[escola.*
*Segue por essa estrada sem temor, avança!*
*Ela aos Céus te conduz, à Divina Bonança,*
*Onde o Amor de Jesus nossas mágoas*
*[consola.*

*Bendize essa irmã, essa caridosa amiga*
*Que a alma egoísta e má transforma em*
*[justa e santa.*
*Deves amar a dor, consente que te diga.*

*Ela é a chave de um cofre celeste que*
*[encerra*
*Tanta alegria e paz! Tanta ventura, tanta!*
*Quanto as lágrimas que choraste sôbre*
*[a Terra.*

*Que te importa a dor que espezinha? O*
*[drama?*
*Na vida, as mãos vazias de amor, gló-*
*[ria, ouro?*
*Que importa êsse horror que a tua al-*
*[ma inflama?*
*Os espinhos, as pedras, o desdouro?*

*Que importa que te roubem sempre a*
*[fama?*
*Ver findos os teus bens em sorvedouro?*
*Que a calúnia te atire sôbre a lama?*
*Que o joio invada o teu trigal tão louro?*

*Que importa a ingratidão? Ideais des-*
*[feitos?*
*O despertar dos sonhos? Teus direitos?*
*Que te falte na vida o pão e a luz?*

*Se além da Terra pérfida e enganosa,*
*A tua alma feliz, mais que ditosa,*
*Repousará nos braços de Jesus!*

Moacyr de Almeida.

Repitamos sempre: é possível que o poeta ainda volte a refazer algum dêsses versos. Enquanto um Autor é vivo, muitas vezes refaz a sua obra. Só a supomos definitiva depois que êle morre; mas êstes poetas do plano espiritual nunca morrem!

Até o momento em que fazemos êste registo estão recebidos versos dos seguintes poetas: Abel Gomes, A. Castro Alves, A. C. Gonçalves Crespo, Alberto de Oliveira, Anibal Teófilo, Antonio Nobre. Artur de Azevedo, Barros Furnier, Bittencourt Sampaio, Carmen Cinira, Catulo da Paixão Cearense, Casimiro Cunha. Da Costa e Silva, Emilio de Menezes, G. D., Guerra Junqueiro, Hermes Fontes, João de Deus, José Duro, Luiz Murat, Luiz Guimarães Filho, Moacyr de Almeida, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Rodrigues de Abreu, Soares de Passos, Thomaz Ribeiro, De

Um Contador de Histórias, De Um Jardineiro. São vinte e nove estílos a se estudarem!

Segundo informações do Guia, Alfredo, ainda faltam na coleção 28 poetas, porque serão 57 os autores do livro, conforme os entendimentos já feitos no Plano Espiritual. O volume todo apresentará, portanto, 57 estílos aos estudiosos, se não for alterado o projeto primitivo.

Enquanto os poetas estão surgindo, o Guia mesmo continua o seu romance «*A's Margens do Eufrates*» que parece será um monumento literário em vários volumes.

*Ismael Gomes Braga.*

# NOSSA MORADA NO CÉU

*Major Levino Cornélio Wischral*

TUDO que pensamos cria-se no plano da matéria etérea. Moldamos no espaço, pela faculdade vibratória e geradora do espírito a entidade que corresponde exatamente ao pensamento; dêste, ela é uma segunda via; uma espécie de cópia do que realizamos sôbre a terra, e, materializada em substância fluídica, matéria quintessenciada.

Quanto mais firme e persistente fôr o pensamento, tanto mais durável será sua correspondente no éter. Algumas criações ao tomarem vulto, apresentam configurações de contôrnos bem definidos e de coloração precisa; agitam-se vivas, só se diluindo quando o homem as concretiza pelas suas mãos. As procriações resultantes de emissões fracas desfazem-se logo após o nascimento da idéia.

Na terra vivemos para os sentidos grosseiros do corpo; no céu vivemos mentalmente preparando nossa futura moradia da alma.

Podemos ter a certeza de que o espaço que nos cerca, pretensamente vasio, além dos espíritos que aí têm seu «habitat» natural, está repleto das mais vivas e variadas criações fluídicas. Qualquer desejo, projéto ou programa cria sua correspondente no alto.

Pela mentalidade inferior, ou seja, pelo baixo teôr vibratório de que está suprida a quasi totalidade dos homens, é lógico que a emissão de pensamentos não pode gerar o padrão harmonioso, amoroso e benéfico que seria de se desejar. Ao contrário, o que se produz no ilimitado, e em maior quantidade, são as autênticas imagens de feitio triste e até repelente, representativas do ódio, do egoísmo, da corrupção, da avareza, etc.

Em compactas camadas horizontais e verticais, invisíveis aos nossos olhos, justapõe-se sôbre a face da terra, a matéria mental, boa e má, elaborada por bilhões de cérebros encarnados e desencarnados. Tudo aí se acumula, agita, entrechoca sem, no entanto, se confundir ou ligar.

Movimentam-se num turbilhão sem fim, as mais estranhas e variadas figuras plasmadas em côres desde as mais sublimes e sutís às mais sombrias e tôrpes; produto êsse irradiado e animado no espaço pela vivacidade mental dos que lutam pelo bem e dos que se dedicam ao mal. A aura, isto é, a alma do nosso planeta é precisamente composta dêsse esquisito aglomerado multicôr.

Naturalmente que nosso astro olhado de outro plano sideral, apresenta-se de aura desagradável, de côr barrenta, suja e cinzenta. Isso denota sua baixa condição no concêrto da ilimitada escala evolutiva dos mundos.

Indagaríamos: Como se comportará um nosso pensamento lançado nesse oceano de formas fluídicas pairando no ar, tal qual condensados flocos ou nuvensinhas de amor ou veneno?

Os flocos de vibrações boas são bem escassos; de vibrações pesadas, más e nocivas são encontrados aos milhões ao nosso redor.

Quando alguém projetava um pensamento de malquerença (ódio, íra, vingança) êste se irradia até encontrar a pessoa visada que captará, sem o perceber, a incômoda carga fluídica. Lógicamente isso só acontecerá se a pessoa visada fôr de sentimentos idênticos, do mesmo nível moral e espiritual de quem projetou o pensamento. Os fluídos maléficos captados e incorporados à aura do paciente infil-

tram-se em seguida no corpo físico, onde produzirão determinadas e conhecidas doenças. São invisíveis punhais que, após dilacerarem a aura fraca cravam-se profundamente nas carnes do adversário.

Ao ser o pensamento maléfico emitido, vai êle recolhendo aqui e acolá, por atração e absorção, a matéria afim ou sejam, os floquinhos venenosos encontrados no seu percurso. Ao tocar o alvo, chega por isso, com a carga danosa naturalmente multi-aumentada; é o momento em que se afasta a saúde da pessoa para dar guarida ao achaque.

Infelizmente são êsses os pensamentos que mais contaminam, mais agitam, descrevendo incríveis zigue-zagues no espaço.

De modo bem diverso processa-se a trajetória de um pensamento de auxílio à pessoa necessitada, de saúde a um enfêrmo, de paz e amor à humanidade. Essa intenção ao ser irradiada parte tal delicada e lépida figura alada, cheia de bondade, luz e vigor. Durante seu deslocamento busca e colhe, igualmente, os benéficos e salutares floquinhos de amor; dessa maneira avoluma-se extraordinariamente o fluxo de auxílio, pois que, não é de estranhar que certos mentores espirituais, incumbidos de zelar pela saúde alheia, esforçam-se também, por acrescentar à torrente milagrosa os seus próprios fluídos de saúde e bem estar.

No caso presente, o pensamento socorrista já não é apenas aquela singela luz de forma alada ao ser gerado o desejo; é porém, um forte jacto de intensa luz brilhante injetando novas e preciosas energias no corpo debilitado. Ou então é o faról bendito que transmite a luz da intuição para orientar o aflito; é o indicador de novos e melhores caminhos para o homem cansado de sofrer do corpo e da alma.

Estudemos agora os efeitos de mais uma modalidade de pensamento. O resultado baseia-se na inflexível lei do «choque de retôrno» e aponta-nos como é defendido o ser humano reto, bom, de sentimentos fraternos, enfim, aquele que tenta imitar Jesus.

Um clarividente indentificaria tal pessoa revestida de uma reluzente aura, espécie de armadura protetora e inatingível por fluídos imperfeitos. Os fluídos quasi puros dessa criatura não absorvem os imperfeitos, para êstes sua aura não é receptiva, torna-se, por isso, impossível êsse intercâmbio.

Para um ser dêsse quilate de nobreza, se lhe fôr arremessado um brado de maldição acompanhado de um sanguinário desejo de vingança, não tenhamos dúvida, nada sofrerá êle pela emissão fluídica que o atingiu. Êsse maldito pensamento ao alcancar o alvo, perderá suas fôrças e ficará confuso e vacilante tal qual um sêr que raciocinasse.

Desde que a corrente de ódio é posta em movimento, irá ela, por sua vez, coletando e incorporando a si própria, durante o percurso, os floquinhos malditos ávidos aliás, por entrarem em ação de hostilidade.

De cheio dá-se o choque com a pessoa de caráter justo, porém, em vista de sua não receptibilidade é o pensamento violentamente repelido, iniciando-se então a cruel viagem de retôrno, ao ponto de partida, isto é, ao gerador de semelhante propósito. Nessa volta, faz-se mais ativa ainda a colheita de fluídos maus, e, enormemente engrossada vai a diabólica torrente ligar-se novamente ao que a impulsionou.

Recebido o pensamento de volta, mais nocivo e violento, do que ao ser expelido, e, perigosamente aumentado de poder destruidor, encontra êle facil e apropriada guarida junto a seu legítimo dono, zeloso receptáculo de fluídos semelhantes. Assim, pela mesma lei de afinidade, é o próprio emitente que recebe de retôrno a mortífera carga fluídica aniquilando e enfermando-lhe o corpo físico, entre aflições e tormentos da alma.

Aqui temos demonstrado a máxima popular, que funciona com a precisão de um radar — «o feitiço virou contra o feiticeiro». Isto é exáto e imutável.

Um pensamento ferino é, na verdade, de efeito mais funesto que um grito odiento de imprecação. As idéias elevadas e puras são as nossas melhores armas, isolam e protegem-nos contra as enfermidades, os sofrimentos e as violências.

Enquanto vivemos na vestimenta carnal projetamos e construimos no céu, com a matéria elaborada pela mente, o nosso próprio mundo. O após-túmulo conduzirá nosso espírito a residir precisamente no edificio erigido pelas nossas criações mentais; não podemos morar num palacete se construimos uma tapera.

Para não edificarmos nosso futuro

lar sôbre a ilusão das trevas e da dôr, cumpre mantermos o pensamento sempre voltado para o bem.

Uma útil e infalível indicação médica para o problema expôsto é ainda, e continuará a ser o milenário: «Perdoai até sete vezes setenta vezes».

Sursum corda!

# "Fronteiras do Outro Mundo"

## A Religião de Umbanda em face do Espiritismo

### Conclue seu depoimento sôbre o inquerito de «VANGUARDA» o Dr. Américo Luz

*"O Espiritismo só póde ser encarado pelas obras do codificador e pelas suas complementares — Qualquer produção que contrarie o espírito da Doutrina organizada pelo referido apóstolo, não poderá ser considerada como sendo obra espírita"—(Palavras do entrevistado.)*

V — Em sua opinião, segundo as obras de Allan Kardec, o Espiritismo tem características próprias, isto é, características que o distinguem da Religião de Umbanda, e de quaisquer outras religiões, ainda que tenham por base o fenômeno medianímico ou fenômeno de além túmulo?

R. — A pergunta está bem formulada: «segundo as obras de Kardec». Com efeito, o Espiritismo só pode ser encarado pelas obras do Codificador e pelas suas complementares. Qualquer produção que contrarie o espírito da Doutrina organizada pelo referido apóstolo, não poderá ser considerada como sendo obra espírita.

Claro é que alguns postulados científicos aos quais se reportaram os Espíritas e o próprio Kardec estão hoje com o seu conceito ampliado. Novas descobertas no domínio do conhecimento assinalam o progresso crescente da Ciência e permitem que a Revelação Espírita se demonstre cada vez mais nítida aos olhos dos estudiosos, através de uma vasta literatura. Surgem Gabriel Delanne, Léon Denis, Aksakoff, Lombroso, Carlos Imbassahy, Pietro Ubaldi, Emmanuel, André Luiz e tantos outros, contribuindo cada qual com a sua inteligência e com o seu coração, para o enriquecimento do patrimônio doutrinário. Entretanto, Kardec é a fonte inesgotável onde todos êles vão buscar o fundamento e o motivo das suas edificações. Vence com a sua lógica as tergiversações filosóficas e científicas dos tempos, imprimindo a certeza nas conclusões realmente certas, corrigindo os êrros de maneira positiva, e indicando o Caminho, a Verdade e a Vida, pelo engrandecer e dignificar sempre mais a figura excelsa e insuperável do Cristo Salvador, pelo projetar Nova Luz por sôbre os seus ensinamentos imortais.

Reportando-se a eficiente argumentação do «Livro dos Médiuns», do «Livro dos Espíritos», de «O Céu e o Inferno», de «A Genese», de «Obras Póstumas», de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», enfim de quanto já se produziu em matéria de Espiritismo, por Kardec e os seus legítimos seguidores, afirmo, consoante os termos da questão formulada, que o Espiritismo não se confunde com qualquer seita ou religião existente no mundo, quer tenha ou não tenha o fenômeno mediúnico. Há, porém, um pequeno grupo de irmãos nossos que pretende haver relações entre Umbanda e Espiritismo, mas que não consegue provar a sua tese pelos princípios da Doutrina. Lançam mão os tais, de sofismas contundentes para o alcance de um objetivo, a meu ver, condenável: a arregimentação de adeptos a qualquer preço. Dada a vigilância dos elementos esclarecidos do nosso movimento, não chegam mesmo a ameaçar sequer a integridade da fé espiritista, porquanto no seu afã de conquistarem um propósito vazio, perdem-se nos desvios da argumentação insustentável e se afastam do Espiritismo: deixam de ser espíritas, porque lhe negam os ensinamentos.

Ser espírita é aceitar o que nos veio por intermédio de Allan Kardec, na vivência dos ensinos cristãos, significação bem diversa de «espírita» para efeito de declaração no Recenseamento.

VI — Acha que também se presta caridade espiritual nos terreiros de Umbanda, tal como ocorre nas sessões espíritas? Neste caso — em sua opinião —

pode dizer-se que Umbanda é também Espiritismo, por que ambos têm por base a mediunidade e a prática da caridade? Dê a sua opinião a respeito.

R — Já declarei, linhas atrás, que não julgo ser a mediunidade uma questão básica em matéria de Espiritismo. O Espiritismo não tem por base a mediunidade, simples acessório. Entendo a função do fenômeno como demonstração material da imortalidade da alma, ressalvando que o fenômeno, apenas o fenômeno, não resolve as questões transcendentes da vida humana, como a necessidade de reforma moral das criaturas, a natureza das cousas, as propriedades peculiares ao espírito e à matéria, enfim, essa série infindável de problemas que são solucionáveis à luz da Filosofia e da Ciência. O fenômeno é um convite à análise, ao estudo: é um efeito, que requer o exame das causas.

Quanto a caridade, ouçamos por instantes a palavra abalizada de Paulo: «Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

E se eu tiver o dom da profecia e souber todos os mistérios e toda a ciência; e se tiver toda a fé de remover montes e não tiver caridade, nada sou.

E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, isto nada me aproveita.

A caridade é longânima, é benigna, a caridade não é invejosa, não se jacta, não se ensoberbece. Não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interêsses, não se irrita, não suspeita mal». Paulo (I Cor. cap. XIII — vers. 1 a 5).

Na mesma epístola, diz o apóstolo dos Gentios:

«Pelo que, meus amados, fugi da idolatria.

«Que afirmo, então? que o que é sacrificado aos ídolos é alguma coisa? ou que o ídolo é alguma coisa?

«Pelo contrário afirmo que as coisas que êles sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus; e não quero que vós tenhais comunhão com os demônios» (Cap. X: 14, 19 e 20).

Entendo a caridade como virtude sutilíssima, cujo domínio se inicia além de quaisquer atos materiais, pois ela se fixa no recôndito das almas; é, por excelência, um sentimento espiritual. As aparências externas, por mais convincentes, não são suficientes para revelá-la.

A noção de caridade está intimamente ligada a de conhecimento, visto ser comum haver por parte de um ignorante a boa vontade em ajudar o semelhante, e o seu gesto redundar no prejuizo dêste. Procede, portanto, o adágio soberano; «Para amar é necessário conhecer». Imaginemos um curandeiro que receitasse pimenta malagueta a um paciente de cirrose do fígado!... Vemos, por aí, que a intenção benéfica sem o concurso da sabedoria não compreende a caridade.

O sentimento de caridade é atributo dos sêres evoluidos, não sendo alcançável por elementos cuja atenção se dirige a assuntos de ordem material, despreocupados do estudo afeitos à idolatria.

Paulo compreendeu bem isto, chamando a atenção àqueles que, por ignorância digna de comiseração, entregavam-se ao culto exterior, julgando oferecerem, dêsse modo, uma homenagem a Deus e aos Espíritos Superiores. Pelo contrário, atraiam a si, com as suas práticas grotescas, as entidades inferiores, ainda presas às vaidades e ilusões mundanas, que os verdadeiros Guias passam de largo a tais bajulações, pois a simplicidade natural e o desprendimento humilde sempre lhes constituiram o sinál marcante à individualidade sublime.

Num ambiente, onde prevalece o culto externo objetivado nos fetiches, nas imagens, nas danças, no fumo e na cachaça, a caridade não encontra guarida para estabelecer-se no seu trono singelo: o coração disposto à renúncia.

Vale-nos a pena salientar que essa virtude libertadora não se casa com a passividade letal dos que não se esforçam pelo seu progresso ou não aceitam o auxilio, sem condições e compromissos comprometedores para os que lhes oferecem carinho e proteção, nem com a insinceridade de propósitos daqueles que, suficientemente esclarecidos pelas obras espíritas, pretendem lançar-se, sob falsos argumentos à companha de arregimentação de prosélitos, com o sacrifício parcial ou total da realidade.

Nem só conhecimento basta ao homem para que se lhe identifique a ele-

vação de caráter, nem só sentimentalismo balôfo possui fôrça bastante para que se lhe aponte como sêr equilibrado. Jesus personificou a caridade em todas as ocasiões, tanto no gesto munífico com que chamou a si as criancinhas, como na energia vibrante que lhe iluminou as palavras no sermão de censuras aos fariseus: «Serpentes, raça de víboras! Como escapareis à condenação da Gehenna»? — Mateus XXIII: 33.

De caridade é, também, a disposição intemerata de quantos vêm de público, nesta hora, proclamar a unidade da Doutrina Espírita, no exercício de um dever sagrado, qual seja o de estender o seu convite fraterno a todo um contingente humano adormecido, a que se erga e desperte para o bom combate, no benefício da sua própria libertação espiritual. Nesse ministério, a franqueza sem rebuço e a verdade nua são as únicas armas utilizáveis.

Importante, finalmente, destacar que os esforços de grande número de indivíduos para cumprirem determinadas ordenações da solidariedade humana, embora louváveis, vão pouco além do significado que os prende, por fôrça da lei natural, ao fator simples da coexistência: fato de base. Não se pode confundir, pois, simples ensaios de solidariedade com o sentimento «espiritualissimo» da CARIDADE LEGITIMA. Esta se encontra no imo de raríssimas criaturas, e, infelizmente, ainda não foi surpreendida nas coletividades, de modo patente, e na sua amplitude.

# Casamento Espírita?

## Não. Consagração Espiritual do Casamento Civil.

Foi na CASA DE LUCIÁ, Rua Carolina Santos, Rio.

Casou-se aí sua primeira internada, a 14 de junho de 1953.

A consagração espiritual do casamento civil, foi uma festa com abundância de espiritualidade, de almas, de arte, de emotividades...

E até de comezainas.

Semanas antes, foramos convidado para colaborar no programa, e dirigí-lo.

— Eu? Já não sou homem para coisas tais!

Mas, se é uma exigência — e exigência de quem póde tudo exigir de mim...

Na semana da festa, estivemos acamado cinco dias.

E foi com uma *formino-destrose* na veia — quasi um garrafão de tonificante —, que lá comparecemos, à hora da consagração.

O ato civil fôra na véspera.

Ás 15 horas, diante de intensa multidão de convidados, a noiva foi conduzida pelo braço de seu papai de internação — Olimpio Leomil de Vasconcelos — ao salão de conferência, preparado adrede para tanto.

O salão superlotou-se.

E foi composta a mesa com os noivos ao centro, nós ao lado, o orador da solenidade, representantes da CASA DE LÁZARO, do *Lar de Jesus*, e outras pessoas.

Abrimos a sessão, dizendo de nossa honra e de nosso sacrifício, ambos abençoados, por estarmos ali, a dirigir a reunião. Salientamos, também, o convite que fizeramos ao prof. José Jorge, que se casara assim em 1945, para orador. Falaria, assim, com mais experiência, com mais emoção.

O conjunto musical do maestro Severino Peregrino de Castro — sua filha ao piano, êle e mais dois companheiros ao violino — atacam a Ave Maria, espiritualizando mais o ambiente.

Proferimos, a seguir, a prece consagrativa, pedindo as bençãos de Deus para o jovem casal, na consciência de que uma prece assim, feita nesse dia por lábios amigos, por corações amigos, que sentem o que oram, deve subir mais depressa ao Alto, do que o simples *conjugo vobis* proferido, formalisticamente, por quem levou dinheiro para tanto...

O conjunto musical atacou, agora, a *Marcha Nupcial*.

Seguiu-se a oratória consagrativa. O orador foi muito feliz na sua peça. Começou recordando seu enlace e analisando o casamento em face do Espiritismo. Frizou que falta ao ato civil do casamento, que só trata de comunhão de bens materiais, uma solenidade assim,

emotiva e sincera, estabelecendo comunhão de afetos, de sentimentos, de amizade perene.

Mais um número de música suave e emotiva.

Uma declamação da menina Euclair Lopes, dedicada aos noivos.

E um número de canto por essa menina e uma companheira, que causou funda impressão em todos.

Internadas da *Casa de Luciá* cantaram um número dedicado à irmã, com a música da canção Aniversário de Casamento, de Carlos Galhardo, dirigido pelo maestro Severino.

Agora, a vez da representação do LAR DE JESUS.

Uma menina declama os versos, que elaboramos a propósito, acompanhada a trauteio e sussuro pelas companheiras:

Casaste, minha irmã. Casaste bem
Porque casaste por amor, com quem
Era teu grande amor, a tua vida.
Has de ser uma esposa bem querida
E hão de ser os dois muito felizes.
A boa sorte há de criar raizes
Em vossos corações. Em vossa glória,
Tendes, meus amigos, de memória
Estas regras da vida de casado:
Procurai viver sempre, lado a lado,
Nos passos bons e maus desta existência,
De alma alegre e purissima consciência.
A mulher é do lar. E só no lar
Deve pontificar, deve brilhar
Com expressivo fulgor e extranhos bri-
[lhos,
Com seu trabalho, seu esposo e filhos.
O homem, vendo na esposa dedicada,
Parcela de si mesmo, desdobrada,
E nos filhos, estímulos perfeitos.
Ambos, sempre corretos e direitos;
Sempre fiéis um para o outro, para
Uma harmonia santa, pura e rara.
Enchei sempre de amor vossos caminhos;
De amores, de alegrias, de carinhos.
E descerá a vós, fulgente luz
E as bençãos luminosas de Jesus.
Abençoa vosso enlace o Creador
Porque casaste por amor!

Depois, cantaram todas a música seguinte, ajustada à canção *Minha Mãesinha Querida*, do disco do G. Macedo e R. Faissal:

Minha irmãzinha querida,
Casaste, hoje por amor;
Teu casamento feliz
E' benção do Creador.
Deus permitiu minha irmã,
Neste dia de emoção,
Que ouvisses, com teu noivo,
As palavras da União.

Neste dia,
A alegria
Toca o nosso coração.
E sentimos,
E sorrimos
Numa profunda emoção.
Oh! minha irmã,
Deus te faça querida
De teu marido
Uma perola na Vida.
Receba a nossa oração
Boa irmã do coração.

A emoção era geral e profunda.

Falou, então, uma criança da Casa de Lázaro, saudando a noiva.

E outros números de música se sucederam.

Franqueada a palavra, falou o dr. Francisco Nogueira, presidente do *Orfanato Pedro Richard*, congratulando-se com a *Casa de Luciá* e recordando que ha 30 anos, seu casamento religioso fôra uma prece emotiva e sincera. Falou d. Maria de Lourdes Pereira, presidente do *Lar de Jesus* e d. Ruth Santana, diretora da *Casa de Lázaro*.

Mais um número, o último, de música.

E a prece final, seria de uma criança da *Casa de Lázaro*.

Então, a Maria Marcilia pede e avisa: *Posição de prece*.

E ora o Pai Nosso, repetida por suas irmãzinhas.

Encerramos, então, repetindo nossos votos de felicidades, e os de toda a assistência, ao casal e a *Casa de Luciá*.

Toda a cena foi filmada pelos ilustres confrades, Flavio Pereira e Mario Rodrigues.

Os noivos, depois de receberem os cumprimentos de todos, se deslocam para o *bufet*, que se espalhava no salão contíguo, três enormes mesas em forma de U, no vasto páteo enfeitado de muitas mesinhas e num ângulo do jardim de verão, ao ar livre.

No salão, os noivos partem o bo-

lo nupcial, antes da palavra do dr. Paulo Menezes Gil, um dos diretores da instituição, que agradece a presença de todos e oferece a mesa de doces finos, de salgadinhos apetitosos.

«E vemos aquí um espetáculo dignificante: êles, os noivos, partindo para unir mais, para mais aproximar», diz o orador.

Servem-se champanhe e guaraná gelado.

Cruzam-se as taças.

Felicitamos, pela última vez, o jovem casal de noivos, Matilde e Cristiano, e passamos a taça a outrem.

Atacam-se, então, as comezainas, as bebidas.

Houve, entretanto, alguém — aliás, ao que pudemos observar — duas pessoas que, no que concerne a comidas e bebidas, passaram na festa pelo martírio de Tântalo.

E d. Rosa, a abnegada e diligentissima diretora da *Casa de Luciá ?*

Quasi que ninguém a viu.

Nem a ela, nem as suas companheiras, todas entregues ao serviço constante e inadiável de ver tudo, de fiscalizar tudo, de atender a tudo e a todos.

Casamento espírita ?

Não. Consagração do casamento civil, à luz da influência do Espiritismo.

E aquí o dizemos, fechando esta crônica, na esperança e perspectiva de que solenidades semelhantes, embora com menos abundância, mas com a mesma alma e vibração, se registrem por aí alhures.

Leopoldo Machado.

# LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e leu DELFINO FERREIRA em 13/6/53).

Srs. Boa noite.

Continuando a apreciação da obra doutrinária de Cairbar Schutel, faremos desfilar hoje o seu 3.º trabalho: «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo».

Editado em 1914, atualmente exgotado, sua última edição, a 4.ª, tem à data de 1943. O Prefácio, do próprio Autor, esclarece a causa e a finalidade do livro. A causa foi o fato de, ao tempo em que o livro foi escrito, 1914, como dissemos, data de sua 1.ª edição, dois sacerdotes católicos haverem, pelo periódico «S. CARLOS», órgão do bispado da cidade paulista dêsse nome, atacado, injusta e desapiedadamente, o Espiritismo. Quanto à finalidade, rebater as insinuações e acusações dos dois reverendos, um dos quais enfeixou em livro os seus artigos; e, mais, convidar os homens ao estudo das sagradas letras, cuja interpretação, diz Cairbar, «não é privilégio de quem quer que seja».

Trata-se, pois, de mais um trabalho de combate, aliás de bom combate, que se desdobra através de vinte e cinco revides, que tudo indica terem sido artigos publicados na imprensa local. E muito judiciosamente apresentou no artigo final a razão de vir a campo em defesa da Doutrina, melhor dito, do ESPIRITISMO, que é o seu zêlo, o seu interêsse, dizendo, então, que «o desinterêsse é a pedra de toque de qualquer Religião».

Encerrando o livro a Conclusão com interessantes considerações.

Vejamos, por fim, os títulos de alguns dos temas que o A. abordou e desenvolveu:

O diabo e as novas descobertas; O diabo e sua significação; O céu, o inferno, o diabo e o sacerdócio romano; A excomunhão; As curas espirituais e o diabo; A tentação de Jesus; Os mártires da verdade; O batismo do espírito; A igreja romana não é a do Cristo: Visão à distância e desdobramento; A excomunhão e o perdão; A crença pelo temor; A Trindade e a Unidade divina; A reparação das faltas; etc., etc.

Continua, pois, perfeitamente atualizado êsse 3.º livro das obras de Cairbar Schutel. Todos os livros de Schutel são edições de «O Clarim», editora da cidade de Matão, S. Paulo, por êle próprio fundada.

—

Passemos ao REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Desfila hoje uma edição da LAKE, a esforçada Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo, rua do Riachuelo, 108. Trata-se do «Manual dos Dirigentes das Sessões Espíritas», resumo das aulas do Curso de Espiritismo, ministrado em três gráus: *Aprendiz, Servidor* e *Discípulo*, criado pela Federação Espírita do Estado de S. Paulo e funcionando, desde 1950 em sua séde, anexo ao qual, também iniciativa dessa grande Entidade estadual, funciona o *Curso de Dirigentes de Sessões Espíritas*. As aulas foram ministradas e agora enfeixadas no presente volume, pelos confrades, membros daquela Federação, srs. Emilio Manso Vieira e B. de Godoy Paiva.

O livro é apresentado pelo Comandante Edgard Armond, Secretário Geral da referida instituição, autor de «Mediunidade» e de outros trabalhos doutrinários e nome de projeção no Espiritismo no Brasil e elemento dos mais ativos do movimento espirítico paulistano.

O livro oferece, inegavelmente, sem ser uma obra prima, ao que, aliás, não aspira, ultrapassando, todavia os limites assás modestos que se traçou, uma distribuição bem medida dos assuntos estudados, que envolvem os aspectos indispensáveis da doutrina e de sua prática, do Espiritismo, portanto, inclusive do fenômeno das curas, notadamente da obsessão.

No que refere ao desenvolvimento da mediunidade não ficou olvidado o problema disciplinar. De modo elevado explica a diferença entre Espiritismo e Umbanda.

Em futura edção se apresentará, e prometem seus Autores, maior desenvolvimento. Certo, porém, é, que mesmo esta sua 1.ª edição é digna de atenção, estímulo e louvor.

A todos Paz e Luz.

# A Certeza do Espiritismo

«The Two Worlds»
Por E. OATEN

EM nenhum período da vida torna-se mais aparente o valor do Espiritismo do que quando o homem é chamado a enfrentar a mudança denominada morte. Em larga experiência fui impressionado com o espírito de certeza que caracteriza a conduta, não só dos que morrem, como a de seus amigos e parentes. Raramente se vê uma lágrima ou lenço num funeral espírita, porque, para o espírita, a morte não é uma calamidade. Quando a transição ocorre no fim de uma existência integral, ela se torna um incidente natural, — e frequentemente, um alívio. Mesmo que seja cortada uma vida moça antes de haver atingido a plenitude de sua utilidade, apresenta-se a convicção que a mudança só é um incidente numa jornada eterna: que além da «pequena porta» haverá oportunidades para o amplo desenvolvimento do caráter, para o desdobrar das capacidades latentes e para real serviço ao próximo. Amigos e parentes estão convencidos que, quando seus entes queridos passam para lá do véu, êles não se subtrairam à sua solicitação. Mesmo em presença de uma cadeira vasia e da memória de uma voz silenciosa, há ainda meios e modos de conseguir contato pessoal com aquêle que os precederam. Podem os clérigos parolar à vontade sôbre a «comunhão dos santos», mas os que se sentem privados do ser querido desejam um contato com a mão desaparecida e suspiram pelo som de uma voz emudecida. A gloriosa companhia de todos os anjos no céu nada significa para o homem que perdeu sua esposa, em comparação com a meia duzia de palavras proferidas pessoalmente em sua própria voz e seu dialeto individual.

Vivemos largamente em sessões familiares, nossas vidas lá se revolvem. Os nossos amigos pessoais estão mais próximos a nós e representam centros concretos aos quais podemos prodigalizar o nosso amor. Eu sei que fóra do nosso círculo há amizades e conhecimentos que se ramificam em aneis crescentes, como os círculos sôbre uma lagoa, e que podem envolver santos, anjos e todos os grandes vultos do passado. Mas a voz do nosso ente amado é

mais para nós do que todas as expressões poéticas.

Lembro-me de ter sido chamado à cabeceira de um eclesiástico idoso que se aproximava do termo da existência terrestre. Apertando sua mão, perguntei-lhe o que experimentava. Êle respondeu: «Tudo se escureceu». Êle havia passado sessenta anos no púlpito, a pregar as glórias da vida celeste, mas ao decair-lhe o corpo, êle se encontrava na mesma situação do Mestre, sentiu-se só e abandonado: «Porque me abandonaste ?» Graças à inspiração espiritual, e apesar de nunca o ter encontrado antes, pude dar-lhe provas da presença de sua mãe e pai; fiz a descrição de ambos que êle reconheceu, transmiti sua mensagem típica e instantaneamente mudou sua atitude. O rápido contáto pessoal e a mensagem individual fizeram-lhe o que nunca conseguiram fazer todas as bonitas abstrações teológicas de sua longa vida eclesiástica. A comunicação forneceu-lhe prova *pessoal* da presença de seres que conheceu e amou. E em sua hora da maior crise da vida, nada mais justo do que a presença da mãe que o introduzira no mundo e o exercitou nas primeiras passadas. Estou convencido que a realização de sua presença individual deu ao velho cavalheiro, maior confiança do que «a gloriosa companhia dos Apóstolos».

A grande satisfação do espiritista consiste em conhecer, além de qualquer sombra de dúvida, que a vida é contínua, não num reino distante ou desacostumado, porém num mundo natural e humano onde perduram os parentescos, com todas as fraquezas e virtudes que associamos à vida natural. Com uma palavra o Espiritismo torna a morte um incidente natural na vida imortal: a continuação da jornada eterna. A morte não é o ponto final, porém a junção, onde enveredamos para outra linha, continuando o nosso progresso em demanda à Cidade eterna.

Verdadeiramente, «tragada foi a morte na vitória».

Pensai nisto vós todos: Mães, Pais, Maridos, Esposas e Filhos! Precisamente além da pequenina porta ireis encontrar todos à vossa espera, e a tristeza da partida será tragada na alegria de eterna reunião. E' esta a convicção baseada sôbre provas pessoais, que obtem o espiritista que se dedicou a investigar as reinvidicações do Espiritismo e pessoalmente os verifica.

# Inimigos da Doutrina

*MAC MAYNARD*

**«Mas, eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Thyatira, a todos quantos não teem esta doutrina, e não conhecem, como dizem, as profundezas de Satanaz». Apocalipse, 2:24.**

As grandes idéias, antes de se firmarem no conceito universal, sempre tiveram seus opositores gratuítos uns, interessados outros, mas sempre contaram com inimigos declarados ou ocultos.

O Espiritismo como idéia que veio para reformar o pensamento filosófico do mundo, idéia que veio libertar o pensamento humano, idéia que veio fazer os homens livres de preconceitos medievais, de harmonizar a ciência e a religião, teve, inevitavelmente, de encontrar seus detratores, seus opositores ferrenhos.

Os inimigos do Espiritismo encontram-se nos dois planos da vida: na terra e no espaço, encarnados e desencarnados.

O materialismo foi um «mal necessário», combateu o Espiritismo com as armas da ciência positiva, e, como a Doutrina também é científica, aceitou a luta no campo científico e acabou dando o xeque-mate no seu inimigo.

Os materialistas baseando-se na ciência para atacar a Doutrina, acabaram, muitos deles, aceitando a fenomenologia espirítica, e, por conseguinte, a filosofia que interpreta êsses fenômenos.

Foram tão ferrenhos êsses opositores da Doutrina que uma «nova ciência», a Metapsíquica, surgiu para combater os fenômenos espíritas. Interessante, o principal, Charles Richet, acabou aceitando, diante da dialética insuperável de Ernes-

to Bozzano, a interpretação espírita dos fenômenos mediúnicos.

No terreno religioso tem o Espiritismo também seus inimigos: profissionais uns, «amadores da arte» outros...

Quando os profitenses das diversas seitas cristãs estudam com isenção de ânimo a Doutrina, acabam aceitando a lógica de Kardec, «o bom senso encarnado», dão bons espíritas esses nossos confrades!

Há também outra classe de inimigos da Doutrina Espírita: os médicos.

O Espiritismo cura doenças «incuráveis» pela medicina oficial, daí, como é natural, sentem-se ofendidos os médicos...

Os hospitais estão cheios de doentes mentais que vêm do espiritismo, logo, o Espiritismo é uma fábrica de loucos. Êsse chavão por ser cediço, já se tornou lugar comum no ataque ao espiritismo feito pelos médicos.

Si êsse «lugar comum» fôsse estudado mais a fundo, veriam os nossos detratores que os grandes hospitais espíritas poderiam ter, ao lado das enfermarias, um museu de patuás, santinhos, bentinhos, figas, amuletos de toda espécie, que, mostrariam, à saciedade, que esses doentes não vieram do Espiritismo, pois a Doutrina não tem bentinhos, crucifixos, rosários e quejandos...

O que tem acontecido, é observação nossa, que muitos doentes mentais, (obsedados) são levados aos centros à procura de remédio para seus males; ora, muitas vêzes, como é natural, a cura não é rápida, precisa doutrinação, evangelização do encarnado (doente) e do desencarnado, e, como os parentes do enfêrmo não teem paciência para esperar a cura demorada, procuram os hospitais especializados. Nos manicômios dizem: até com espiritismo lidamos para curar o enfêrmo, mas, ficou pior!

A conclusão vem logo: O Espiritismo é fábrica de loucos!

Consideramos até aquí os inimigos declarados e jurados da Doutrina Espírita entre os encarnados. Mas, há outros. Esses estão dentro da própria doutrina (!) fazendo parte, mesmo, de diretorias de centros espíritas, são os médiuns mistificadores.

Quantas vêzes não saimos envergonhados de sessões onde o médium não fez nada mais do que mistificar, mas, mistificação grosseira, chula, nojenta. O mal que essess médiuns fazem à Doutrina é incalculável, chega às raias do ridículo!

Se se aplica a recomendação do apóstolo João: verificai os espíritos, si são do Senhor... ou a de Kardec: é melhor rejeitar 99 verdades do que aceitar uma mentira, êsses «médiuns inconscientes» (todos gostam de ser inconscientes), ficam inimigos do doutrinador.

Além dos médiuns mistificadores (conscientes), temos os interesseiros, os vaidosos, os presunçosos, enfim, uma classe bem grande de «médiuns» que seria fastidioso enumerar...

Com os inimigos encarnados é mais fácil a gente encontrar o veneno; mas com os inimigos desencarnados, é mais difícil, muitas vêzes.

Alguns desencarnados são positivos, claros, inimigos de peito aberto, atacam logo de entrada a doutrina, com essa tática de ataque é fácil ver logo o inimigo, pois está em campo aberto, e a luta é travada em campo limpo; mas, há os que vêm entrincheirados. Com esses é mais difícil a luta por que é uma luta desigual, de um lado um opositor lutando com as armas da lealdade, com a palavra clara e positiva, de outro, a mistificação, a mentira deslavada. Ao invez de se apresentarem como inimigos declarados, apresentam-se como «guias e protetores», (muito cuidado com os guias e protetores de todos vós).

Falam em nome de Deus, mas agem de modo diferente. Daí a necessidade que tem todo aquêle que lida com sessões práticas de obrigatoriamente conhecer a codificação de Kardec, para não cair nas malhas desses inimigos embuçados.

Um exemplo que comprova o grande mal que há do desconhecimento das obras fundamentais de Kardec:

Numa sessão apresenta-se um espírito e dá o nome X, depois de muitas comunicações, consegue captar a simpatia e confiança do grupo, «fulano de tal, protetor de todos vós», e vai então apresentando as inovações. Fala à uma médium, uma senhora de côr, que na outra encarnação ela tinha sido uma moça loira, professora, muito bonita e vaidosa, daí ter nascido, na presente encarnação, de pele negra, retinta, uma provação, um castigo ao seu orgulho e vaidade. O espírito que se manifesta conta mais coisas, dá mais indicações, e acrescenta: fui médico, fui seu marido, estou esperando uma encarnação de prova, uma encarnação para pur-

gar o meu orgulho. Acontece que tinhamos um filho, e êsse nosso filhinho morreu sem ser batizado e para felicidade dêle, é necessário que seja batizado. (Pasmem todos: — êsse espírito foi batizado na sessão!). Os presentes arranjaram os ingredientes do batismo: água, sal, oleo e... saliva. O «espiritozinho» foi trazido do limbo, encorporou-se num médium e foi batizado numa sessão espírita! De pagão que era, a guia e prôtetor, foi um pulinho!

Mas, o «guia e protetor de todos vós» não ficou contente com essa brincadeira (imagino quanto não riram os espíritos gaiatos no espaço) inventou outra.

Falando um dia sôbre concentração, reclamou que as concentrações do grupo não eram firmes, faltava um meio melhor para se concentrarem, sugeriu a idéia de usar rosários, que rezassem um terço durante os trabalhos, que assim a concentração seria mais forte. Não ficou nisso: que os trabalhos fossem abertos em nome do padre, do filho e do espírito santo! e que fossem encerrados, também, com o sinál da cruz.

Para que o trabalho corresse em melhor ordem, faltava um crucifixo sobre a «mesa de caridade», foi colocado incontinente. Quando um espírito sofredor se manifestasse pedindo luz, fosse acesa uma vela e rezado um padre-nosso e uma ave-maria para abrir os olhos do sofredor...

Outros acessórios litúrgicos foram colocados no centro, inclusive ex-votos e promessas. Defumadores de todos «pais» David, Jacob, etc., até parece que êsses espíritos eram interessados na venda de defumadores e de sabão para «fechar corpo.»

Paremos aqui.

Êsses são os inimigos desencarnados que se apresentam com pele de ovelha para achincalhar a Doutrina Espírita, encontrando ignorantes que lhes servem de instrumento.

A Federação Espírita quando recebe pedidos de filiação ou de fórmulas de estatutos, deveria investigar êsses pedidos, para que não fique nas costas do Espiritismo essas «palhaçadas» rotuladas, impropriamente, com o nome de Doutrina Espírita.

A melhor maneira de se batalhar pelo Espiritismo é difundir o mais que for possível as obras fundamentais e subsidiarias do Espiritismo.

«A todos que não teem esta doutrina e não conhecem, como dizem, as profundezas de Satanaz», é muito facil ser levado pela lábia de espíritos mentirosos e gaiatos.

Tatuí, 12 de Julho de 1953.

# LIVROS E AUTORES — Leopoldo Machado

LA AUTOEDUCACION DEL PENSAMIENTO Y DE LA VOLUNTAD AL SERVICIO DES ESPIRITISMO — *Hugo L. Nale* — Buenos Aires.

Outro opúsculo editado pela *Editora Leon Denis*, de Buenos Aires, oferta de seu ilustre autor. Trata-se de uma conferência pronunciada na Sociedade CONSTANCIA. Conferência que vale bem por esplêndida tese substanciosa e precisa. Hugo L. Nale é uma das belas culturas portenhas. Os argumentos e observações que ajusta para defender o objeto de sua tese são de molde a confirmar nosso modo de julgar seu trabalho, que é uma peça literária de cultura e fé, essas duas coisas que deviam existir em todo o espiritista, aproximando ainda mais o cérebro e o coração. E' assim que depois de sua exposição cultural, termina o opúsculo assim: «...me permito envitar a todos los presentes a ponermos de pie y elevando nuestro pensamiento a Dios mediante una concentracion de dos minutos de silencio...»

Grato ao ilustre confrade por sua lembrança de nosso nome para o oferecimento de seu trabalho.

—

REINO ESPIRITUAL — *Levindo Melo* — Rio.

Tese apresentada ao 2.º Congresso Pan-Americano de Espiritismo, em nome da *Sociedade de Medicina e Espiritismo* e dedicada aos vultos venerandos de Allan Kardec e Bezerra de Menezes, de Andrew

Jakson Davis, Cosme Mariño e a todos os grandes trabalhadores da Doutrina dos Espíritos.

Nós já haviamos lido a tese em letra de fôrma.

Ela aparece-nos, agora, em letra mimeografada.

Aceitamos, de nossa parte, o reino espiritual. Reino que transcende das cogitações terrenas, que classificam os reinos da Natureza em Animal, Vegetal e Mineral. Que, até, segundo alguns autores, tais reinos começam dos protobios.

A tese vale por si mesma, dada que não valha pelo nome ilustre que a subscreve, que teve a gentileza de no-la oferecer com expressiva dedicatória.

—

ALGUNS PROBLEMAS DO IDIOMA — *Leodgario Amarante de Azevedo Filho* —Rio.

Trata-se de um trabalho de ilustre professor do Rio, ex-aluno de nosso Colégio.

Na dedicatória do volume que nos coube, escreveu o autor: «Ao velho mestre de nossa língua...»

Quem lhe disse isso, ó Leodgario?

Nunca nos abrasamos por questões e questiúnculas gramaticais, que fazem as delícias de gramáticos e filologos. Mas, sempre prezamos demais a língua que falamos, a «flor amorosa de três raças tristes». E, assim prezando-a, gostamos de ajustar nossos escritos às regras gramaticais, sem brigar com ninguém porque escreve Brasil diferente de nós; sem passar o atèstado de ignorante áquele que escreve *ansia* diferentemente. Temos até uma ortografia quasi toda nossa, de que nos vamos servindo enquanto não formos... preso por nos servimos dela.

Aliás, foi sempre o que ensinamos aos nossos alunos.

E — coisa interessante! — ensinamos vernáculo sem nunca exigir deles livros caros e massudos. Exigiamos-lhes, apenas, atenção, desejo de aprender, cadernos de apontamentos e lapis.

Vem-nos, até, agora, à memória, um episódio, que nos é muito grato ao espírito:

Certa feita, num hotel de Juiz de Fóra, à mesa de refeição, encontrámos um militar, graduado, que, de uma mesa ao lado, conversava qualquer coisa com uma senhora, apontava-nos e ria-se. Ficámos intrigado com *a brincadeira*. Depois, levantando-se antes de nós, procura nossa mesa e apresenta-nos à dama, sua exma. esposa, dizendo: «Aquí está o prof. Leopoldo Machado, com quem aprendi português, o português de que fiz exame no Colégio Militar, passando com nota alta, sem nunca ter aberto uma gramática, um compêndio da língua».

Êsse militar ilustre é, nesse momento, o presidente da *Casa de Lazaro*, como ilustre espírita que se fez depois.

Leodgario Azevedo é também espírita sem o saber e o sentir.

Espírita pela inteligência e cultura, pelo caráter e conduta moral, embora não se tenha declarado ainda. E' um temperamento jovem diferente dos outros jovens. Não se morre de amores pelo futeból, nem anda atrás de premios radiofônicos nos programas de estúdios. Não coleciona retratinhos de artistas de rádio, nem anda pedindo autógrafos de bonequinhos de tela e artistas de cinema. E ocupa tribunas espíritas, para dizer o que mais lhe tem interessado na Doutrina, embora confessando-se agnostico e afastado da Doutrina...

Anda, por enquanto, na roda de professores materialistas e católicos, gozando de sua amizade, que julga, ainda, *um presente dos deuses*.

Um dia, se desiludirá de tudo e de todos.

Nesse dia, estudará o Espiritismo.

E render-se-á a sua evidência, confirmando aquele asserto de Cromwell Varley: «Não conheço um homem de senso que, tendo estudado a sério o Espiritismo, não se renda à sua evidência».

Ora, o Leodgario é sensato, sôbre ser bom filho, bom amigo, bom cidadão.

Que lhe falta, pois?

Estudar o Espiritismo.

E, sôbre o ALGUNS PROBLEMAS DO IDIOMA?

Não faltará quem, com mais engenho e mais arte, fale do livro...

—

ORAÇÃO PROFANA — *Zezé Macedo* — Rio.

Zezé Macedo é radio-atriz da *Radio Tamoio* e da *Televisão Tupy*.

Filha de um velho e grande amigo nosso, espiritista e estudioso, visitou-nos no *Lar de Jesus*, oferecendo nos, então, seu ORAÇÃO PROFANA.

Trata-se de um livro de versos de 72 páginas, esguio, mal impresso, com 41 produções, a fotografia da autora abrindo o livro.

As poesias do livro mal paginadas, pois há páginas semelhantes a folhas de jornal, composição em colunas, composição começando no meio de páginas, coisa que nunca vimos, que se nos afigurou de mau gosto, prejudicando, assim, a estética e poesia do próprio livro. Ora, não se tratasse de um livro de poesias, aquí não deixariamos êsses reparos, visto como, para nós, poesia e beleza são sinônimos.

Zezé Macedo, entretanto, é poeta.

Sente e vive a poesia, que lhe rebenta do coração e da inspiração em vários métodos e nos moldes da poesia antiga e moderna.

ORAÇÃO PROFANA começa assim, numa evocação ao SENHOR, que revela os sentimentos espiritualistas da autora :

Senhor :
Tenho sêde de amor...
Perdôa se meu lábio pronuncia
Esta prece profana, e acaricia
As palavras que é crime proferir.
Quem, como eu, o corpo amortalhado,
Sem hábito de freira, quís sentir
Jesus Crucificado !

O livro é de versos profanos, dominando a escola lírica-sentimental.

Uma ternura evolvente se desprende de suas estrofes, de suas páginas, contagiando o leitor. Dessas páginas e estrofes, a que mais nos calaram foi a *Carta*, que escreve a seu velho pai (talvez por ser tão velho como êle) e a descrição que faz da macumba, na última página.

E' pena, repetimos, que o livro não tenha outra apresentação gráfica, outra distribuição da matéria que lhe dá vida !

E, aquí lhe agradecemos o volume que nos ofertou e pedimos desculpas das desagradabilidades que aquí assinalamos.

# D. Gracinda Batista

NO próximo dia 28 transcorre o 7.° aniversário do passamento de D. Gracinda Batista, que soube cumprir à risca a sua tarefa terrena no campo da assistência social. Amiga dos pobres e sofredores o seu nome ficou gravado no coração daqueles que o procuravam em momentos de aflição e necessidade. Esposa e mãe extremosa, criou e educou inúmeras crianças desamparadas, dedicando-lhes as mesmas atenções dispensadas a seus filhos.

Ela, seu companheiro Onofre Batista e Américo Bairral fundaram o «Asilo Luiz Gonzaga» e estavam dispostos a fundar um Sanatório para obsedados. Américo Bairral regressou logo à Pátria Espiritual, mas D. Gracinda

Batista e Onofre Batista transformaram em realidade êsse nobre propósito levantando o Sanatório e pondo-lhe o nome de Américo Bairral como a mais justa homenagem prestada a êsse trabalhador da seára Cristã.

O «Asilo Luiz Gonzaga» hoje sob a direção de confrades competentes dá abrigo a inúmeros velhos de ambos os sexos.

O Sanatório Américo Bairral, tendo à frente D. Dalila Batista e Cezar Bianchi é hoje um monumento filantrópico, pois está dando abrigo a 500 pessoas enfêrmas.

Conhecendo a utilidade dessa importante instituição, o Governo Federal, Estadual e Prefeituras Municipais lhe vêm destinando importantes verbas. O Sanatório já tem 18 anos de vida toda dedicada ao próximo necessitado.

Êsse importante empreendimento saíu de corações humildes e amorosos e por isso produziu frutos sazonados a razão de cento por um. E D. Gracinda foi a sua pioneira.

Ao registrar o 7.° aniversário do seu passamento, almejamos à D. Gracinda felicidade, paz e constante progresso espiritual, solicitando-lhe o seu valoroso auxílio nos momentos difíceis.

# Contra Fatos...

## VII

### Fenômenos de Desdobramento

As aparições dos Espíritos de pessoas vivas, já foram sobejamente constatadas em toda a parte do universo, por isso não há um só país que desconheça êsses fatos.

A causa dêsses fenômenos, também já ficou suficientemente vulgarizada e explicada pelos espíritos de elevada cultura espiritual.

A «Phont of the Living», assim nos relata um dêsses fenômenos de bicorporeidade :

– Aquí, como em toda parte, as aparições não são raras. Sabemos de uma senhora que na vila do Rosário, viu à hora do almoço entrar-lhe em casa uma amiga que depois de alguns momentos eclipsou-se. Horas depois esta amiga veio, realmente, com o mesmo vestido que trazia a aparição. Uma irmã da mesma senhora, em um sitio do norte, estando uma noite acordada em quarto iluminado, viu a dona da casa em pé junto de sua rêde. Perguntando-lhe o que queria, a aparição desmanchou-se perto da rêde vizinha da senhora, onde não tinha cessado de dormir a pessoa cujo duplo se manifestara. Estes fenômenos são chamados de desdobramento ou bicorporeidade. A Sociedade de Estudos Psíquicos colecionou uns mil e quinhentos fatos quasi todos ocorridos na Inglaterra e suas possessões. Muitos autores referem o caso de Mme. Saggú, preceptora, que foi expulsa de vários colégios e casas particulares pela inconsciente e frequente produção dêsses fenômenos que assustavam sobremodo as alunas.

Serão fenômenos de alucina-

ção, quando são testemunhados por diversas pessoas e impressionam cavalos e cães? Será alucinação uma moça ver e ouvir o duplo do irmão ausente com seu uniforme enxarcado de água e isto no mesmo momento em que nos antípodas êste irmão estava em perigo de morrer afogado? Como explicar a alucinação dos outros fatos?

*(Phont of the Living).*

— As notícias vindas da Inglaterra, concernentes aos fatos espíritas, é um sinal evidente do franco progresso que se está realizando naquele país. O famoso jornalista inglês, Geoffrey Murray, em seus artigos publicados no «News Chronicle», de Londres, divulgados pelo «O Jornal», do Rio, de 12/3/52, nos informa o seguinte:

— A «Associação Espírita Mary Lebone», que organiza sessões semanais, foi fundada em 1872 e vangloria-se de ser a maior associação espírita do mundo. Tem *7.000 membros.* (1)

Ao todo, estou informado, há cêrca de 100 igrejas espíritas nêste país, com um total de 50.000 membros.

O órgão internacional possue associados em 26 países.

Se o espiritismo não é sectário, é, não obstante baseado em sete princípios essencialmente religiosos. São êles:

1 — A Paternidade de Deus.
2 — A Fraternidade do homem.
3 — A Comunhão dos Espíritos e a Missão Sacerdotal dos Anjos.
4 — A contínua persistência da alma humana.
5 — A responsabilidade pessoal.
6 — Compensação e retribuição, no estado futuro, de todas as boas e más ações praticadas na terra.
7 — Eterno progresso aberto a todas as almas humanas».

Spártaco Banal.

---

*(1) O grifo é nosso.*

# Crônica Estrangeira

## Aquiles d'Angelo cura a paralisia das cordas vocais do Tenor Gigli

*«De Two Worlds de 25-7-53.»*

### De novo êle canta

A voz de Gigli, o maior cantor de óperas da atualidade, teria silenciado para sempre, não fôsse a intervenção de Aquiles d'Angelo, o miraculoso curador italiano.

Toscanini e a ex-Rainha Maria José também afirmam terem sido curados por d'Angelo, o qual, não obstante a sua evidência na Itália, não sabe ler nem escrever!

Com referência à cura de Gigli, J. M. Sheppard escreve no mensário psíquico «Fate»:

«Há poucos anos, a tristeza invadiu toda Itália. O maior tenor italiano, Gigli, perdera a voz. Numa terra em que a música e particularmente o canto, são a mesma alma do povo, a perda de seu maior tenor de ópera era uma tragédia.

Foram chamados especialistas de garganta; Gigli foi a Roma, em seguida a Paris, onde suas cordas vocais foram atentamente examinadas pelas maiores sumidades da ciência médica da Europa. Mas a magnifica voz havia silenciado

para sempre. Estranha paralisia atacara a garganta do gênio.

### A' espera do incerto

«Finalmente foi chamado d'Angelo. Êle entrou no triste mas luxuoso apartamento de Gigli, com suas habituais passadas ligeiras. A porta fechou-se e isolou êstes dois dos demais: Gigli, o tenor e d'Angelo, que nem ao menos sabe assinar seu próprio nome. Passou-se meia hora em que só eram percebidos murmúrios de vozes oprimidas dos amigos presentes. Escoaram-se outros 30 minutos enquanto os íntimos do cantor, sentados na sala de estar, lastimavam, de cabeça baixa, a perda irreparável. Gigli estava inutilizado, acabado!

E então—então eles ouviram aquela potente voz de tenor alçada num cântico de liberdade, em liberdade irrestrita, de completa vitória vocal. Gigli estava cantando como nunca o fizera antes.

### Como êle sorria!

Abriu-se a porta e emergiu em pessoa a grande voz da Itália; largo era seu sorriso ao inundar o corredor com sua voz desembaraçada atingindo as ruas, fazendo parar os transeuntes que de cabeça erguida exclamavam: Gigli póde de novo cantar! Viva!»

* * *

Quando a ex-Raínha Maria José perdeu sua visibilidade e os médicos declararam insolúvel seu caso, ela chamou d'Angelo. Na primeira visita voltou sua visibilidade: duas visitas subsequentes e seus olhos estavam perfeitos.

Coppi, o mais popular ciclista da Itália, conta a história do modo por que, após violenta queda em Roma, tomou o trem para Napolis e foi à procura de Aquilles d'Angelo. Os médicos lhe asseguraram que, durante seis meses, êle não poderia concorrer a disputas ciclísticas.

Dois dias depois de ter partido da capital, estava êle de volta, pronto para o torneio europeu em bicicleta. Era êle a maior esperança de seus compatriotas.

Disse Coppi: o hòmem apenas me tocou. Êle fez deslizar seu dedo indicador ao longo de minha perna, o que me produzia a sensação de queimadura pelo fogo, como se milhares de agulhas penetrassem minha carne.

Então êle me disse: «Vai para tua casa, moço. Estás curado», e eu estava mesmo curado.

Foi em Napolis que Aquiles d'Angelo viu a luz do dia italiano, há 44 anos. Filho dum pobre carpinteiro, êle começou bem criança, a engraxar sapatos dos cidadãos napolitanos, o que o impediu a frequentar escolas. Durante tempos foi carregador, depois tornou-se propagandista ambulante.

Certo dia, no desempenho de sua tarefa, carregando um placard de propaganda, êle caíu. Foi internado num hospital com dupla comoção cerebral.

Trinta e seis horas depois, voltou à consciência. J. M. Sheppard diz:

«Um interno e uma enfermeira acercaram-se de seu leito e grandemente se surpreenderam ao serem saudados, proferindo o enfêrmo o nome de ambos. Os dois eram-lhe completamente desconhecidos.

Era para d'Angelo o início de novo mundo e o desenvolvimento de faculdade tão assombrosa a ponto de fazer cientistas e médicos levantar os braços em desespero. O produtor de milágres, analfabeto e rude, desafiou todas as leis médicas existentes, com suas curas contínuas de casos chamados perdidos».

Aquilles d'Angelo conhece o nome dos que o procuram, encarando-os, profere instantaneamente seus nomes completos.

Mais surpreendente ainda é o poder elétrico de d'Angelo. Se êle vai apertar a mão de alguém, cuidado! Êle póde gerar—por falta de melhor expressão — fôrça elétrica à vontade. Tem o poder de desequilibrar alguém, se o deseja, com um choque emanado de um dedo. Também póde apertar a mão de uma pessoa sem o menor efeito ou choque.

A' convite de uma junta de médicos e psiquiátras, d'Angelo foi a Paris, no ano passado. Pediram-lhe dar imediatas e visíveis provas de sua faculdade.

D'Angelo apontou para um grande relógio colocado no ângulo do aposento. O pêndulo oscilava ritmicamente. Mas parou de súbito até o fim da entrevista.

Ao retirar-se do vasto aposento, êle sorriu, de novo apontou o relógio e imediatamente o pêndulo recomeçou a

oscilar. O pêndulo estivera parado durante 55 minutos.

D'Angelo pede somas elevadas a seus clientes ricos, mas os pobres são curados sem remuneração e ainda auxiliados pecuniariamente.

. . . . . .

⁂

## Falam os Sábios

### (Químicos-Biologistas)

Nos nossos dias, os sábios não fazem mais do que continuar, com outros processos, a antiga pesquisa dos alquimistas que se obstinavam em descobrir a fórmula — impossível de se encontrar — do elixir de longa vida... Os trabalhos de laboratório substituiram as atividades da magia.

E faz-se uma pergunta que nos interessa a todos sem exceção: — o homem deve infalivelmente morrer? A morte é uma necessidade inexorável, inscrita para todo o sempre no livro do nosso destino?

E a fórmula: — «O homem não morre, mata-se» — será mais do que simples frase?

Têm feito experiências, por exemplo, na «Bombyx-Mori». Essa borboleta que vive quinze dias, revela na autopsia feita, orgãos sãos e intactos. Todavia, estava morta. Porquê?

Talvez porque, no momento fixado pela lei da espécie, era normal que morresse assim como era normal que vivendo, pudesse voar porque tinha asas. Aquele pequeno organismo seria, pois, um mecanismo funcionando como um relógio, que pára mesmo quando não está quebrado.

Será assim com o homem, cuja sobrevivência individual não é necessária á perpetuação da espécie, pois a natureza lhe deu o meio de procriar?

Felizmente, os biologistas não se contentam com cálculos teóricos e procuram certezas materiais. Demonstraram que organismos unicelulares são imortais e que na biografia dum infusório a morte só póde ser um acidente.

Colhem um fragmento de tecido orgânico em qualquer animal e enxertam-no noutro da mesma espécie ou de espécie diferente. A experiência é particularmente fácil com tecidos cancerosos.

Há já anos, que os trabalhos de laboratório têm dado resultados concludentes e «imortalizado» células sãs. E' aquí, que a experiência se torna mais perturbante por ser mais acessivel aos nossos sentidos. Num romance de antecipação — uma família inteira de vampiros humanos, dêsde o bisneto ao trisavô, mantinha a vida e a saúde bebendo sangue de sêres jovens. Os trabalhos de laboratório não oferecem hoje cenas tão alucinantes — As experiências de Alexis Carrel e outros, demonstraram que um órgão inteiro póde não só ser transferido de um indivíduo para outro, mas ainda sobreviver isoladamente. Tira-se um rim a um animal. Este morre e, passado o máximo tempo que a Natureza fixou para a vida desta espécie, o rim isolado continua a viver.

No Instituto Pasteur de Paris, conservam-se vivos, há muitos anos, corações de animais alimentados quimicamente.

Simultaneamente, em Paris e Moscow, conservam-se vivas cabeças de cães, graças à um sistema de circulação sanguinea artificial. Em presença dos alimentos, as glândulas salivares segregam saliva, a guela abre-se como para ladrar — e se não ladra é porque as cordas vocais não foram conservadas.

E, então, apresenta-se-nos esta hipótese engenhosa e macabra: — suponhamos que após e execução de Luiz XVI, ou outro supliciado, lhes tinham submetido a cabeça a tratamento idêntico. O supliciado teria vivido — Poderia afirmar-se que o supliciado estava morto?

Quando um homem perde um dedo, um braço, uma perna, conserva a sua personalidade. Um côxo continua a ser um homem vivo. Porque motivo uma cabeça separada do seu corpo, mantida viva por meios artificiais, é certo, mas viva, no entanto, não prolongaria a vida do individuo?

Aquí surge a pergunta que, ante os progressos da ciência, será preciso resolver um dia: quais serão os limites exátos da personalidade? Quando se poderá afirmar que um individuo está morto ou vivo? Se um homem privado dos seus membros nem por isso deixa de ter uma existência real e legal, porque motivo uma cabeça, privada do corpo e ainda capaz de pensar, não seria consi-

derada como mantendo o individuo ainda com vida ?

No dia em que tal experiência se realizar — e vamos a caminho dela — o problema da sobrevivência será parcialmente resolvido e devemos rever todas as noções até aquí admitidas pela nossa razão, os nossos costumes e as nossas leis.

(de *La Press*), Maio de 1952.

⁂

## De «Ici Paris»

### Isabel II escolheu um amigo maravilhoso para capelão adjunto

O poder que certas pessoas têm de curar as doenças, as dores e as feridas pela simples imposição das mãos, está em vias de ser reconhecido oficialmente em Inglaterra.

Na verdade, o concilio da Igreja metodista — aquela que, entre as igrejas protestantes conta a maior massa de fieis em todo o Mundo — está prestes a estudar um diploma das «pessoas que curam». A Igreja de Inglaterra ainda não tomou posição oficial. Mas alguns dos chefes, notóriamente o bispo de Lincoln, orientam uma rigorosa campanha e tomam numerosas iniciativas pessoais num sentido análogo à atitude das autoridades metodistas.

Enfim, a própria raínha Isabel, profundamente convencida da existência de tais poderes nos seres escolhidos por Deus, deu um apôio retumbante aos campeões dessa crença quando, no mês de Agosto, completou a lista da sua casa civil, escolhendo deliberadamente como capelão adjunto o reverendo Cyril Theodore Henry Dams, um dos três eclesiásticos da Igreja de Inglaterra que, devido aos seus próprios poderes especiais e ao seu profundo conhecimento do problema, foram incumbidos pelo bispo de Lincoln de fazer um estudo profundo dos fenômenos de cura física, psicológica ou moral por imposição das mãos.

. . . . . .

O pedido da Igreja metodista, o movimento dentro da Igreja anglicana, a iniciativa do bispo de Lincoln, o gesto da rainha Isabel, — não passam de preliminares do vasto movimento dos espíritos que agita a Inglaterra, e que mesmo o céptico e incrédulo não póde deixar de acompanhar sem uma sensação perturbada e, ao mesmo tempo, de real interêsse.

*De «Revista de Metapsicologia».*

⁂

## Uma estranha pintora de mortos...

*Por João Emilio de Macedo Paraíso.*

Com a cabeleira toda branca aos 60 anos de idade. Margaret Bevan, que na aparência não tem nada de sobrenatural, pinta retratos de gente morta e que não conheceu.

Habita um rés-do-chão situado por detrás do British Museum de Londres e nasceu em Dingwall (Escócia), numa família bastante numerosa e pouco abastada, não tendo por isso recebido uma sucificiente instrução e, nem sequer, a mais elementar noção sôbre arte.

Já mulher, casou-se com um administrador da Canadian Pacific Railway e passou com êle 30 anos da sua vida em Winnipeg, (Canadá) aonde lhe nasceram os seus três filhos.

Tendo enviuvado, foi para Watford, na Inglaterra, aonde montou um atelier de modista. Foi então, já lá vão quinze anos, que a aventura começou quando, uma noite, resolveu acompanhar uns amigos a uma sessão espírita, realizada na Igreja Espiritualista de Watford.

A médium que promovia a sessão entrou em contacto com um espírito, que declarou ter sido sôbre a Terra um italiano chamado Luigi, de 18 anos de idade, tendo vivido em Bordighera, na Riviera Italiana. Seu pai opôs-se sempre à sua grande vocação de artista. Por êste motivo pediu à assistência que na primeira sessão a realizar, depois da que estava tendo lugar, lhe trouxessem papel negro e tinta branca, para poder fazer uma demonstração.

Na sessão seguinte Luigi escolheu Margaret Bevan para lhe servir de instrumento mediúnico. Esta declarou nada conhecer de pintura ; com surprêsa, porém, ela sentiu a sua mão bastante pre-

sa e guiada por uma fôrça invisível, que a obrigava a desenhar sem saber como. Tive a noção do que fazia, mas não tive contrôle sôbre a mão direita, declarou-nos ela.

Quando traçou o primeiro retrato, olhou e gritou espantada: — Mas é minha mãe! Sua mãe, Mrs. Bárbara Scott, estava morta havia já bastante tempo.

A Sociedade Britânica de Estudos Psíquicos e a Associação Espiritualista da Inglaterra tomaram conta dêste caso sensacional e começou, então, para Margaret Bevan, uma série de tournéeis, num percurso de mais de 15.000 quilómetros por ano. Por toda a parte ela pintou retratos de pessoas já falecidas e, em sessenta casos sôbre cem, estes eram reconhecidos por pessoas presentes à sessão. Então, ela explicava modestamente que nada fazia e que se Luigi não lhe guiasse a mão, era incapaz de obter o mínimo traço. Numa sessão eram geralmente pintados de vinte a cincoenta retratos de espíritos, tendo sido, um dia, batido o record com o elevado número de cem.

Muitas vezes o Dom de pintar desaparece, por momentos, em Margaret Bevan, para reaparecer depois com grande intensidade; então, as folhas negras se sucedem diante dela, com uma rapidez que chega a impressionar! Três minutos para cada retrato, num rítmo bastante mecanizado.

Atualmente Margaret Bevan é também vidente; mas, segundo declara, esta faculdade a fatiga em demasia. Quando desenha, não sente nem calor nem frio; sua expressão de olhar torna-se apática e a sua voz enfraquece.

Os psiquiatras dizem dela: *E' um caso psíquico extraordinário; raramente encontramos uma pessoa, num milhão, que possúa esta capacidade de Telestesia.*

Quanto ao Diretor da Escola de Belas Artes, de Londres, declara: *Uma pessoa descobrir uma súbita vocação artística aos cincoenta anos de idade, é um fenômeno em matéria d'arte, e julgo que o caso é único.*

Para convencer os cépticos, Mrs. Bevan possúe também o Dom da clarividência, faculdade esta adquirida, certamente, pela contínua convivência com os espíritos do Além.

Um jornalista apresentou-se, um dia, a esta vidente, com um nome falso; então ela disse-lhe, imediatamente, que o seu verdadeiro nome era Untel; e começou a descrever o seu jardim, a sua casa, e os seus amigos, tendo deixado o jornalista inteiramente abismado. Num outro caso, ela diz expontaneamente a um dos seus visitantes: — Eu vejo em vossa casa uma pessoa jovem, que traja um vestido de veludo encarnado. Quando o homem regressou a casa, uma hora depois e a uns 40 Km. de distância, verificou, com espanto, que sua prima ostentava um vestido encarnado. Quando saíu de casa, lembrava-se de lhe ter visto um vestido verde. Por êsse motivo perguntou-lhe se tinha mudado de vestuário. Sua prima declarou, imediatamente, que o tinha feito havia cerca de uma hora, o que coincidia com a vidência de Mrs. Bevan. Ela não tira proveito pecuniário desta sua clarividência; para ela isto é sómente um meio para poder provar as suas boas relações. com o invisível. Mrs. Bevan contenta-se com o pagamento de 4 shilings por cada retrato que executa. Por isso ela nos diz: o artista tem que viver, mesmo quando pinta retratos de pessoas já falecidas ou relacionados com os assuntos psíquicos.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## O Espiritismo em Alagoas

Em 25 de Dezembro último inaugurou-es em Maceió, Estado brasileiro de Alagoas, uma instituição espírita, intitulada «O Lar das Velhinhas», com a presença do Prefeito da Capital. Eis o que diz o noticiarista de *Luz*, acêrca da visita que fez ao Lar:

«Trata-se de uma instituição idealizada, criada e mantida por um abnegado espírita da nossa terra sem nenhum auxílio dos poderes públicos nem particulares, destinada exclusivamente a recolhimento e manutenção de velhinhas desamparadas, sem tecto e sem arrimo, não se indagando a religião a que pertencem. O prédio tem capacidade para 50 asiladas,

em pequenos compartimentos confortáveis e completamente isolados, com rigoroso serviço sanitário. O refeitório e a cozinha são amplos, cheios de luz e ar.

«Junto de uma sala destinada à Secretaria funciona modesto ambulatório com medicamentos destinados a casos de urgência. O local é aprazivel e constitúe um parque de 100 metros quadrados com recreio para as velhinhas.

«Os serviços do Lar são prestados gratuitamente.

«E' assim que se apresenta o «Lar das Velhinhas», mantido carinhosamente por um homem de alma e coração.

«O Dr. Fernando Malta de Campos, realizador dessa obra tão modesta, mas fecunda, não mede sacrifícios para servir os que sofrem e necessitam. E para que melhor destino e orientação pudesse oferecer ás suas próprias idéias espíritas, consagrou se a êsse humano trabalho de cristianização.

«Mantendo à sua custa o «Lar das Velhinhas», sem outro auxilio pecuniário que não seja a percentagem que lhe destina, oriunda dos lucros do seu Laboratório, aliás, modesto, sente-se profundamente alegre o nosso confrade Malta de Campos, por ter realizado um sonho que há muito estava ligado à sua visão espiritual».

Como póde morrer o Espiritismo, ligado assim ás mais belas virtudes humanas? O nosso Evangelho é de utilidade integral. O velho Arquimedes levantaria o globo terrestre com uma alavanca, se tivesse um ponto de apôio no Espaço; o Espiritismo transformará o mundo, quando se apoderar dos corações e das almas. O «Lar das Velhinhas» é uma obra de Espiritismo Cristão, êsse espiritismo que o *Novidades* aponta ao ódio das turbas analfabetas, depois de o conspurcar com pensamentos vis; êsse espiritismo que alastra qual rastilho, apesar de tudo exigir de nós; êsse espiritismo que glorifica Jesus e trabalha por sociedades mais perfeitas, onde o homem não seja lobo do homem. Atacar o Espiritismo é atacar a caridade, é cercear o vôo da borboleta ao sair da crisálida. Mas o Espiritismo viverá eternamente, porque se apoia nas almas, que são imortais!

*De «Estudos Psíquicos» — Lisboa, Portugal*

# Lar Infantil «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», dando pleno andamento ao seu vasto programa de assistência social, como parte integrante do seu trabalho na seára espírita, realizou no dia 7 de Junho p. p. ás 14 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma reunião para tratar da construção de uma casa para a criança desamparada.

Pelo sr. Edo Mariani, presidente da Mocidade, foi apresentada a idéia da Mocidade, de que se désse a essa obra o nome de Lar Infantil «Cairbar Schutel». A idéia foi aceita por unanimidade, ficando definitivamente assentada a construção do Lar Infantil «Cairbar Schutel», obra esta que será edificada na Avenida Cairbar Schutel, Vila Santa Cruz.

A seguir, foi eleita por aclamação a seguinte Comissão pró-construção do Lar Infantil «Cairbar Schutel»: Presidente, Zelia Silveira Perche; Secretária, D. Izabel Perche Camargo; Tesoureiro, José da Cunha, e mais os seguintes membros: Carlos V. Olson, Adelar Machado, Antonia Perche da Silveira Campêlo, Chiquita Fonseca, Clotilde da Cunha, Leonor da Cruz Jorge, José da Costa Filho, Rosa Fratini, Edo Mariani, José Gonçalves, Antonio Torres e Jacob Pedro Filho.

De nossa parte aplaudimos tão oportuna idéia e empenharemos os nossos esforços no sentido de ver concluida essa obra filantrópica, tanto mais que a Doutrina Espírita e o nome do nosso caro companheiro Cairbar Schutel merecem lugar de destaque nos corações dos que tiveram a ventura de conhece-lo.

Os amigos e admiradores de Cairbar Schutel, que tanto amou as criancinhas, não deixarão de cerrar fileira conôsco no levantamento dessa obra, que representa mais um marco fincado na senda do Espiritismo, a mostrar à humanidade o verdadeiro caminho que conduz a Deus e que tem por princípio o amor fraterno.

# Conselho Federativo Nacional

## Súmula da Ata da Reunião realizada em 4 de Julho de 1953.

Feita a prece, o presidente declara empossada a representante da Comissão Estadual de Espiritismo, de Pernambuco,

Srta. Cirene Coutinho, saudando-a em nome do Conselho.

*Sergipe* — O conselheiro Atlas de Castro comunica ter sido amplamente distribuido, no Estado, o trabalho «Elucidando Dúvidas».

*Piauí* — O conselheiro Ascânio de Paiva comunica que a Federação Espírita Piauiense instalou o seu Conselho e informou que a ela aderiram mais três instituições.

*Goiás* — O conselheiro Dr. Francisco Nogueira relata notáveis acontecimentos ocorridos no Estado: criação de Juventudes, lançamento de pedras fundamentais de sédes de Centros, comemorações e visitas de confraternização.

*Esperanto* — O presidente lembra ao C. F. N. que nesta data ocorre o 10.º aniversário da primeira mensagem espírita recebida em Esperanto, com a qual se deu início a uma nova secção em «Reformador», uma secção doutrinária em versos mediúnicos compostos em Esperanto por uma dezena de Espíritos, e acrescenta que nesta década o movimento esperantista no País cresceu de modo pasmoso, havendo o Brasil passado de um dos últimos para um dos primeiros lugares no mundo quanto ao cultivo do Esperanto. O setor esperantista na F E B — diz o presidente — é um dos mais belos esforços de unificação mundial da Doutrina e do movimento espírita, e tem recebido constante apôio dos Espíritos superiores, por intermédio de diversos médiuns. O trabalho realizado pela F E B, nesses dezesseis anos mais recentes, já demonstra a obra imensa que poderá ser realizada num futuro próximo através do Esperanto.

*Pernambuco* — A conselheira Cirene Coutinho agradece as palavras pronunciadas pelo presidente, ao empossá-la, e diz que se esforçará por honrar o mandato, colaborando com toda a sua boa vontade nos trabalhos do Conselho.

—

### Súmula da Ata da Reunião realizada em 1 de Agosto de 1953.

Após a prece inicial, o presidente comunica que os conselheiros Dr. Carlos Imbassahy e Cel. Delfino Ferreira justificaram suas faltas à reunião, o primeiro, por motivo de saúde, e o último, por não lhe ser ainda possível comparecer.

*Expediente* — A União Municipal Espírita, de Taubaté, comunica a realização da VI Semana Cristã Espírita, de Taubaté, de 26 de Julho a 2 de Agosto fluente, e convida o C. F. N. para essa realização. Na impossibilidade de se fazer representar, o Conselho delibera telegrafar áquela Entidade, agradecendo o convite e desejando muito êxito à Semana Espírita ali em realização.

*Recenseamento* — Em nome do Conselho, o presidente felicita os espíritas de Goiás, na pessoa do representante da União Espírita Goiana, pelo crescente progresso do Espiritismo naquêle Estado, nesses últimos dez anos. O número de adeptos elevou-se, no decênio de 1940 a 1950, de 17 para 44 mil. Diz, ainda, que o próximo número de «Reformador» publicará a estatística da evolução do Espiritismo no Brasil, assinalando, em números estatísticos, as cidades em que a Doutrina mais progrediu.

*Sergipe* — O representante de Sergipe, Atlas de Castro, pede ao Conselho manifeste sua solidariedade aos responsáveis pela Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», cujas irradiações estão ameaçadas de paralisação, em virtude de ordem superior atingindo a Estação em que é irradiado o programa espírita de Geraldo de Aquino. Agradece Geraldo de Aquino, manifestando sua fé na continuação do programa que, pela terceira vez, está ameaçado de interrupção.

*Goiás* — O Dr. Francisco Nogueira, representante de Goiás, agradece a manifestação do Conselho e apresenta o programa da II Concentração Estadual de Mocidades, cuja leitura é ouvida com agrado.

Encerrou-se a reunião com uma prece proferida pelo representante do Ceará.

## «A Luz»

A nossa distinta colega «A Luz», órgão da Federação Espírita de Alagoas, que se publica em Maceió, completou no dia 1.º de Julho último o seu 1.º aniversário dep is que ressurgiu na arena da imprensa espírita.

Festejando o auspicioso acontecimento, circulou nêsse dia com o seu número de páginas aumentado, inserindo artigos de apreciados escritores espíritas e noticiário bem desenvolvido.

Com o nosso abraço congratulatório, almejamos à prezada colega prosperidades na sua elevada tarefa de difundir o Cristianismo à luz do Espiritismo.

## Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

**Usamos o Serviço Postal de Reembolso.**

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho* — *Redator: A. Watson Campêlo*

## Redação e Administração

**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| — BRASIL | — Ano — | Assinatura simples | Cr.$ 50,00 |
| | Semestre — | ,, ,, | 25,00 |
| — BRASIL | — Ano — | Assinatura registrada | 60,00 |
| | Semestre — | ,, ,, | 30,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano — | Assinatura simples | 55,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano — | Assinatura registrada | 70,00 |

**NUMERO AVULSO CR. $ 4,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

**Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro**